

A Fraternidade

DEFENSOR DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Trimensario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES *ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Série de 18 n.ºs isenptos de cobrança
postal 500 rs.
Brasil (moeda forte), série de 18 n.ºs 1\$200REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Anuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade, nem se restituem
os autographos, quer ou não
sejam publicados.

A necessidade de sermos politicos

Nunca tiveram uma orientação verdadeiramente sensata e concreta os trabalhos tendentes a conseguir a lei, estabelecendo o *descanso* hebdomadario. Era preciso, em primeiro lugar, declarar positivamente a nossa posição politica e manifestar, por um acto notorio, o nosso valor social. Nunca se fez isso; e esse erro, altamente deploravel, teve agora um desmentido totalmente significativo. A fundação de um centro franquista, em Lisboa, constituído, na sua maior parte, por empregados do commercio, deu um impulso valioso á propaganda theorica, mas quasi nulla, que ha annos a classe vem fazendo. Sem uma corrente inpetuosa de censuras, de imposições e ameaças, os consulados rotativos da monarchia em nada nos favorecem. A imprensa operaria, que muitos julgam ser inferior intellectualmente á nossa, segue um caminho de superior criterio. De facto a evolução, que sempre adoptamos, é uma palavra vaga, que, no caso em questão, é de evidente inutilidade. Com os recentes acontecimentos politicos muito podiamos ter lucrado, se entre nós houvesse um desejo sincero de conseguir a celebre lei do *descanso* hebdomadario. Somos ainda dos que não creem em promessas banaes, que todos os dias se formulam; mas temos a convicção radcada no nosso espirito que se amanhã, dispondo de cinco mil votos, ameaçassemos o governo de os dar á opposição republicana, os nossos desejos seriam satisfeitos, seria decretada a tão desejada lei e o nosso paiz collocar-se-ia, com a vigoração d'essa lei, a par das nações onde o progresso não é só assumpto

para discursos inflammados e cheios de rhetorica balofa.

Pobre paiz o nosso, onde as boas medidas se perdem no numero barril das petições; desgraçada nação, onde só a politica impera, onde a intriga fervilha e onde as mediocridades se elevam como fogo de vistas. Ha que annos imploramos nós, humildemente, com demasiada submissão, com as lagrimas nos olhos, resando crassamente o Padre-Nosso, essa conhecida lei que a França civilizada vae amanhã pôr em pratica, que a Hespanha reaccionaria, a Suissa, todos os estados da União Americana, a Belgica, a Suissa, a Noruega, a Austria e a *atrassada* Russia já adoptaram! Habitamos um estado europeu, uma nação latina, não é verdade?

Se não nos ensinassem isso no banco da escola não o acreditariamos. Na Turquia, em Marrocos e nos sertões africanos a civilização é semelhante á nossa.

As nossas convicções politicas pomol-as de parte, para não alterar os nervos a quem não nos comprehende.

Mas entendam-nos: sem manifestar opiniões politicas, elogiando todos os governos, todos os regimens, olhando indifferentemente para as questões mais graves que interessam o paiz inteiro, nunca conseguiremos nada. De 1880 para cá, as condições sociaes do paiz mudaram muito. Temos nós, tambem, de alterar a tactica, o proceder, e a *maneira de pedir*.

Se o grupo politico que hoje se conserva no poder não decretar a lei do *descanso* hebdomadario, adoptem o nosso alvitre ou façam, então, preces pela vinda immediata do rei Sebastião 1.º

Notas Ligeiras

Orientação jornalística

Pelos modos, a nova directriz que a *Fraternidade* traçou e se impoz seguir como sendo a que melhor convem aos interesses da classe que representa, nem a todos agradou, como de resto succede a qualquer cousa boa. Mas, se ninguém teve ainda o animo preciso para a combater de frente e lisamente, a verdade é que na sombra e por meias palavras faladas ou escriptas, tem encontrado quem lhe queira mal.

Por despeito?

Não sei. Mas seja pelo que fôr, a minha missão é esclarecer e n'este proposito assiste-me mais que o direito, o dever de tirar as cataratas a quem quer que as tenha ou finja tel-as e patentear bem ao nu, como comprehendo a missão jornalística na classe dos caixeiros.

O meu ultimo escripto n'esta mesma secção, serviu de pretexto a que travasse uma discussão mais ou menos acalorada, com um bello rapaz, espirito culto e que eu sempre supuz possuidor d'uma boa parcella de bom senso e franqueza, que, se ainda hoje lhe não retiro por completo, devo no entanto confessal-o, deixou em meu espirito, pelas singulares opiniões que mostrou, possuir a respeito da missão da imprensa uma duvida para mim extremamente dolorosa, pois fiquei-me a pensar se, na verdade, o meu caro interlocutor não estaria caçoando commigo, ou se, com a breca! o meu pobre escripto d'esta folha, sem que eu o houvesse imaginado, teria ido ferir-lhe algum sentimento intimo, de mim desconhecido.

Ora vejamos a maneira como esse bom rapaz vê a missão do jornal.

Em primeiro lugar, confessa que um jornal da classe, se vê forçado a publicar qualquer escripto que lhe envie o correspondente amigo, pois do contrario lá vae o assignante e com elle os outros que arranjou;

que não se deve lançar á margem os escriptos *litterarios* ou *doutrinarios* que qualquer principiante nas lettras envie ao jornal, porque ninguém nasce ensinado e tal proceder dá em resultado nós cortarmos cerce viciosos rebentos

que mais tarde poderiam produzir vistosas flores de rhetorica;

que, finalmente, está fóra da sua missão qualquer jornal que sendo *de classe* critique os membros d'uma classe no que elles tiverem de prejudicial e defeituoso.

Este rosario d'opiniões dispensavam-me de eu os criticar segundo o meu modo de ver, por esta fórmula, porquanto pessoalmente creio ter mostrado evidentemente ao meu caro interlocutor o seu erroneo pensar que é transparente e manifesto.

Mas, porque essas opiniões não são isoladas mas sim possuidas por muitos outros a quem de resto tal posse não me causa tanto pasmo como no bom rapaz de quem fallo e que, repito, é um espirito culto, torna-se forçoso que a golpes de argumentos, e não são precisos muitos por ahi alem, nós desfaçamos o erro e elevemos a verdade.

Qual é a missão d'um jornal da nossa classe? Leval-a ao seu mais alto grau de perfeição, educando-a *moral, intellectual e socialmente*.

Creio que até este ponto, estamos todos d'accordo.

Mas para que tão esplendida trilogia seja mais que uma affirmação — um facto, é forçoso que appareçam actos e não palavras; que cada qual que tem a seu cargo nortear um jornal, lhe dê uma orientação sã, preferta e inteiramente de harmonia com as ideias apresentadas.

Um jornal da nossa classe não educa *moralmente* publicando artigos obscenos; não educa *intellectualmente* publicando verdadeiros disparates attentatorios da boa razão e da grammatica; não dá finalmente uma boa *educação social* se nos apresentar só no artigo do fundo, doutrinas aliás bem definidas e bem expostas, mas que perderão todo o valor se o resto do jornal as prejudicar.

Um jornal não é só o artigo de fundo, mas sim todo o seu conjuncto deve ser harmonico, correcto e irreprehensivel na sua factura.

Senão deixa de ser o que devia para ser o que é.

Exprobaudo eu em certo dia o procedimento do redactor d'um jornal da classe que publicou um artigo verdadeiramente asuatico e mais que

isso obsceno, foi-me respondido:

«Que quer você? E' preciso que o jornal não seja maquido...»

Eu já tive occasião de affirmar que uma boa parte dos collaboradores dos nossos jornaes não passavam d'uns vaidosos que era necessario arredar dos jornaes ou... mettellos na linha. Será preciso apresentar exemplos? Pois ahí vão alguns, mas poucos, porque a «Fraternidade» não tem as suas columnas abertas só para mim.

Quando por mal dos meus peccados comecei a rabiscar nos nossos jornaes, já encontrei como assiduo collaborador critico, litterario, doutrinario, o diabo! um rapaz que embora caixeiro aqui no Porto e possuidor d'uma boa pose com lunar monoculo e tudo, não era socio da nossa associação. Um dia, instado fortemente, assignou uma proposta, mas quando deixei o cargo que occupava na Associação, ainda o pobre cobrador não tinha cobrado uma unica quota! Quando em certa noite tivemos uma importante assembleia geral lá foi o nosso homem desenrolar a fita d'um *improvisado* muito bem decorado.

O discurso ameaçava prolongar-se até á consummação dos seculos e os socios iam já sahindo á formiga, quando o Baptista Junior, vendo a imminencia d'um desastre com a falta de gente para a votação final, desata em bravos ruidosos ao homem do discurso e com um abraço quebrou-lhe a corda.

Termina a sessão e o *dedicado* escriptor caixeiro, dirige-se ao guarda livros da associação que fazia a resenha da assembleia geral e diz-lhe gravemente: *Quando fizer a acta d'esta assembleia, rogo-lhe me diga afim de lhe dar os apontamentos do meu discurso (sic).*

Querem-o mais completo? só se fôr um mancebo que não ha muito ainda, participou a certo jornal da classe que em tal dia completava vinte e tantas *primaveras* e recommendava *se não esquecessem*. E' claro, de noticiar na *Carteira* data tão historica.

Casos semelhantes são a esmo e cital-os a todos que conheço, muito ainda teria que dizer.

Vejamos agora porque entendendo que produções litterarias só devem ser publicadas quando se imponham pela sua regular perfeição.

Ha algum jornal da classe que possua redactores com o tempo preciso para fazer de mestre escola, corrigindo os erros que os collaboradores lhes enviem?

Não me parece. E', porque assim é, será bonito que um jornal apresente toda a casta de collaboração cheia de defeitos grammaticaes, o que é mau, mas ainda para mais pejada de defeitos de bom senso, o que é muito peor?

Será bonito, será decente que a classe dos caixeiros dê de si uma ideia tão sima

permittindo-nos sem jornaes, collaboração que lhes acarrete um amargo ridiculo?

Em que situações fica pois a nossa classe perante as outras salariadas?

Por ultimo, para terminar que estas *notas* já vão longas, quero referir-me ao facto de não dever um jornal da classe escarpellar alguns dos membros ainda que o mereçam, como se o proceder d'uma duzia de mariolas fosse o d'uma classe inteira!

O que merecem aquelles que assassina as suas associações e os seus jornaes á força de calotes? Que lhes queimemos incenso?

O que merecem aquelles que com o seu indifferentismo desprezam os seus interesses abandonando a sua associação? Que nos calemos e digamos nos jornaes que os cofres das associações estão a abarrotar de cabaças?

Sim, digam-me o que merecem?

Pois ha dinheiro para toda a casta de pagodeiras, algumas por signal bem deprimentes para os caixeiros e que servem de pretexto a que velhos negociantes caturras se insurjam contra o descanso dominical, e só não ha dinheiro para pagar as assignaturas dos seus jornaes e de quotas das suas associações?

Não! Quem fôr caixeiro, mas caixeiro a valer e cumpridor dos seus deveres, não poderá jámais julgar-se offendido com os ataques que sejam dirigidos aquelles cujo procedimento seja a perfeita antithese do seu.

O seu a seu dono. Elogiemos aquelles que o mereçam, mas não poupemos as censuras a quem se porta mal. Separemos o joio do trigo para que este seja mais puro e proveitoso.

Porto, 6 de setembro de 1906.

Arthur.

«A Fraternidade»

Começando o 3.º semestre de assignatura, *A Fraternidade* apresenta-se hoje ao leitor em publicação trimensal, sahindo nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Esta resolução audaciosa, que da nossa parte representa um grande esforço e manifesta uma grande vontade em bem servir-mos a causa que temos advogado no campo da imprensa social, é, ao mesmo tempo que uma empreza difficil, um arrojado e uma tentativa que nos póde sahir frustrada, se os nossos actuaes assignantes e a classe não forem da mesma opinião que nos anima.

Aos nossos presados assignantes, correspondentes e collaboradores, pedimos a maxima propaganda d'este jornal.

E pedimos, tambem, para que nos enviem os originaes com a antecedencia necessaria para serem publicados nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Nas terras onde não temos correspondentes, aceitamos-os.

Ruidos do Lima

«A Fraternidade» trimensal — a nossa causa — Feiras Francas em Ponte do Lima — outras noticias.

Eis enfim o que anciosamente esperavamos!

«A Fraternidade» prometteunos a sua publicação trimensal; disse que em breve cumpriria essa promessa, e, eil-a agora em vigor.

O enthusiasmo das lides, da imprensa, o dever por que se impõe a futura realidade da nossa causa, e as esperanças que tem de ver a sua obra, a sua lucta, os seus trabalhos em caminho seguro fal-a avançar corajosamente sem receios de especie alguma.

O seu brilho, o seu valor, a seu prestigio, destacar-se-ha pela fórma ousada como defende os nossos «ideaes», pelo modo como se apresenta e pela correção, ensino e imparcialidade da linha por onde enveredou.

«A Fraternidade» é um dos jornaes que por nós mais tem pugnado; sempre addicto á nossa causa, apesar da sua publicação quinzenal, combateu sempre com heroicidade pelos interesses da nossa classe, o dever por que nos impomos, a Justiça o Direito e a Razão.

O seu lema é defender uma classe seria, digna e numerosa, liberta do abysmo profundo em que jaz, instrua-a e eleva-a justamente ao ponto mais alto da illustração.

E' isso o que procura fazer e o que de cada vez mais conhecemos tendo em vista a completa recomposição material por que acaba de passar.

Eis agora portanto mais um melhoramento grandioso — a publicação trimensal!

O seu fim é o progresso a lucta, a emancipação do caixeiro portuguez!

E' este ultimo periodo o que mais nos interessa e por o que mais pelejamos; nada ha que nos faça reagir; é esta a causa que desejamos tornar um facto.

Um homem ha, hoje senhor do nosso meio, que prometteu salvar-nos d'estas profundas, libertar-nos do captivo que dia a dia nos vem decrepitando e dar-nos a almejada *liberdade*.

Esse homem, esse nosso *Redemptor* promette cumprir com a sua hourada palavra.

E' de crer que em breve tenhamos o nosso «Ideal» em vigor!

Após uma longa data uma boa porção de annos que os srs. governantes nos vem alliciando com promessas cheias de um brilho entusiasta, de um fulgor phantastico e musical.

Até presente ao nada hão feito a favor da nossa infeliz classe!

Portanto, esperemos mais um pouco por o que o actual governo poder fazer.

Parece que teremos de mudar de feitiço e seguirmos linha mais recta e mais esperançosa. Veremos! O mez d'Outubro o definirá!

—Deve ter lugar nos dias 19, 20 e 21 do corrente a grande festividade á S.ª das Dóres e

as já conhecidas e grandiosas feiras francas n'esta localidade.

—Passou no dia 5 n'esta villa o nosso illustre collega em Chaves e meu muito amigo, Avelino de Souza Barros.

—Passou tambem n'esta em serviço de cobrança o nosso collega amigo sr. João Marques Bandos, intelligente e zeloso empregado da casa Antonio Joaquim Lopes dos Reis, de Braga.

—Consta-me que em breve abandonará a Patria, emigrando para as terras d'alem-mar, o nosso collega e meu particular amigo sr. Joaquim Alves Brandão.

Se é que a informação é verdadeira, sinto bastante a ausencia d'este dedicado amigo, apeteendo-lhe mil prosperidades, um futuro repleto de venturas e que em breve encontre a arvore das *Patucas* para regressar muito feliz!...

Ponte do Lima, 6.

Magalhães Junior.

A FRATERNIDADE NO PORTO

De regresso — Ainda e sempre o descanso dominical — Sessão solemne — Numero unico — 1704 adhesões — Medico e advogado — Diploma da União — As casas — Prestamista fechando ao domingo.

Depois d'uma longa e forçada ausencia, motivada pelos meus affazeres profissionaes e associativos, aggravada pela falta de saude que me reteve algumas semanas em Entreos Rios, volto de novo ao meu posto, embora com algum sacrificio mas sempre com grande vontade em auxiliar os meus collegas na lucta pelos seus direitos, pela sua liberdade e pelo seu bem estar colectivo.

—Hoje, como desde ha muitos annos, a nossa constante preocupação é o descanso dominical; hoje, como sempre, temos vivido e vivemos de esperanças, teremos chegado ao fim?

Parece-me bem que não por enquanto, só ha, como sempre tem havido, bonitas palavras e bellas promessas; quanto a obras, nada, mesmo positivamente cousa nenhuma. No entanto a nossa causa é tão justa e verdadeira que conquistou já um logar seguro na legislação hespanhola e franceza e vae preocupando os nossos accomodaticios legisladores.

Portugal tem estado na mão de bandidos; por isso em pleno seculo vinte, homens de bons corações e verdadeiros patriotas encontram tudo por fazer, não existe nada, mesmo nada, em beneficio de quem trabalha; tudo tem sido pouco em beneficio das quadrilhas que nos tem explorado. Felizmente uma nova era de justiça vae surgindo n'esta infeliz patria e melhores dias gosaremos quando o governo fôr do povo e pelo povo.

Não me resta a menor duvida que devido á nossa constante e persistente propaganda e á influencia que exercem as nações visinhas a lei

mais tarde ou mais cedo será um facto, e quando o for, para o que todos trabalhamos que seja breve, cumpre á classe unir-se e feliar-se nas associações para a fazer cumprir rigorosamente, não vá succeder como á lei que prohibe o jogo, que ora se cumpre ou não, conforme os ventos.

Os trabalhos no sentido de conseguir na proxima legislatura a lei, proseguem activamente, são o conselho director da união, a grande commissão e as comissões do congresso que n'este sentido estão empregando os maiores esforços, sendo de esperar que as associações da provincia se dirijam ao governo ou ao parlamento reclamando n'este sentido; e se conseguirmos que o governo se lhe refira no discurso da corôa e o projecto respectivo seja apresentado nos primeiros dias da abertura das camaras, temos dado um grande passo e então a victoria final não tardará, assim o governo não naufrague e os ventos lhe sejam propicios.

Actualmente o conselho director da União preoccupa-se com a solemnisação do 9.º anniversario do encerramento convencional das lojas ao domingo, ao qual adheriram 1704 negociantes, e tenciona promover por este motivo uma sessão solemne no dia 30 do corrente.

Estão sendo convidadas para tomar parte n'esta festa todas as associações interessadas n'esta regalia, cuja commemoracão deve, para honra da classe, revestir-se da maior importancia devido ao estado em que se encontra a promulgacão da tão humana e libertadora lei.

A União tambem publicará um numero unico dedicado a tão importante anniversario, que, além de ser um repositório valioso do que se tem feito sobre este assumpto, será collaborado pelos mais dedicados paladinos da liberdade e dos direitos que assistem á nossa classe.

O conselho director, sem que a classe tenha com tudo correspondido por enquanto aos seus esforços em dotar a União com todas as vantagens e regalias que pôde offerecer uma associação de classe, na sua situação, tem conseguido grandes melhoramentos, como seja, entre outros, proporcionado aos socios medico e advogado.

O nosso presado amigo e collega Raul Doria está trabalhando na confecção do diploma. Conhecidas como são as suas qualidades de reputado calligrapho e desenhista é de esperar um verdadeiro modelo de arte e bom gosto.

As casas prestamistas que a pedido d'uma commissão de proprietarios das mesmas e do conselho director da União, adheriram ao encerramento, acabam de, passados alguns domingos, abrir novamente por culpa d'um cidadão a quem a lei está fazendo muita falta. Deus Nosso Senhor a mande depressa.

4-9-906.

Baptista Junior,

A classe pelo paiz

Guimarães, 18 d'Agosto de 1906

Não vos trago noticias dos outros, porque, só uma toda minha me preoccupa a attenção.

Vou trabalhar para outro paiz, e porisso, trago-vos os meus adeuses, aonde vae todo o meu coração de portuguez e de companheiro.

É a minha saudação ao deixar-vos, e será sempre, que a patria se rehabilite pela **Republica**, para que a classe se irmane com a nação, e esta com a **Justiça social**—que é a causa commum dos que trabalham.

Supponho dar assim motivo á minha razão de *ser*, pois que em verdade,—e o mais conscientemente que me foi possível,—eu entrei pela minha acção individual e collectiva, nas luctas do **Direito**, travadas entre os que opprimem e os que são opprimidos.

É por tal, que eu me supponho com auctoridade para protestar contra os meus collegas (!) os que fóra e dentro da **Associação** coarctam a liberdade moral, quebram o sentimento da solidariedade, e apagam a verdade por instinctos malevolos e deprimentes.

Quero referir-me ao sr. José da Costa Rainha, *muito honrado negociante* que foi em Coimbra, e actualmente meu companheiro em casa do sr. Simão Ribeiro.

Por elle eu me vi malquistado com o meu chefe de quem fui auxiliar durante tres annos, ao qual eu reintegrando o meu reconhecimento pelo bem com que sempre me tratou, quero commendar-lhe a prenda do sr. Costa Rainha, porque das suas malsinações movidas contra os demais empregados só lhe advirá interesse... embora duvidoso (!)

E vós, meus collegas, ao mesmo tempo que vos apresento *um exemplo de gosto*, animo-vos ao desprezo de taes processos de ser companheiro entre companheiros.

No Brasil luctarei e viverei pela nossa santa causa. Adens.

João Gonçalves Teixeira

Setubal, 30-8-906.

Depois de um longo silencio motivado pelos muitos affazeres profissionaes, eis-me de novo nas columnas d'este acerrimo defensor da classe dos caixeiros portuguezes, «A Fraternidade», que, d'hoje em diante, vae trilhar um novo caminho de propaganda em favor da nossa desprotegida classe, melhorando algumas das suas secções, e passar a publicação trimensal.

Para que ella tenha muita vida é necessario que todos aquelles que se prezam de ser caixeiros a assignem, concorrendo assim para um dos melhores meios de propaganda em favor de nós todos.

Era desejo, ha muito, do seu director e de muitos dos

seus dedicados amigos, que esta folha passasse a publicação semanal, mas... a ingrata da classe dos caixeiros não olha com olhos de ver os beneficios que podem advir da imprensa da classe; não vêem, não, pois que muitos ha que nem para um jornal olham, e se algum dos mais entusiastas do movimento associativo lhes quer incutir na alma esse facho de luz, elles respondem que não são leitores de jornaes.

É n'isto que consiste todo o mal da classe, é por estes factos tão degradantes que nós ainda jazemos atrás das taboas d'um balcão, sem termos liberdade!

E que necessidade tinhamos nós, se fôssemos bem unidos e disciplinados, de andarmos a pedir ha muitos annos o que de justiça nos pertence?

Por isso pense bem, collegas, n'estas simples considerações, e assignae «A Fraternidade», desafogando assim a sua vida para que ella possa com a intrepidez que lhe é peculiar defender os nossos interesses.

O encerramento.—Tem continuado, ainda que com algumas irregularidades, o encerramento estabelecido n'esta cidade, de harmonia com os patrões; encerramento este feito ás 3 horas da tarde, segundo o pacto que todos assignaram.

Mas como nem todos os commerciantes são sérias e cumpridores da sua palavra, não extranhamos porque a isso já estamos costumados, a estarem com as suas portas abertas até ás 5 horas da tarde, desrespeitando assim a sua palavra d'honra e prejudicando o pacto estabelecido entre os patrões dignos e honrados.

É indispensavel nós não termos confiança em encerramentos por convenção, porque se não são uns são outros que roem a corda... Só a lei, e nada mais, é que pôde fazer entrar isto na ordem.

J. L. Cavaco.

Charadas & enigmas

Concurso enigmatico

Para mais entusiasmo por este *passatempo*, resolvemos fazer um concurso enigmatico, do qual damos abaixo as explicações do regulamento a todas que queiram tomar parte no referido concurso.

Condições do concurso

1.º Todo o charadista pôde concorrer, desde que seja assignante d'este jornal.
2.º O concorrente juntará á producção a quota de 100 réis em estampilhas do correio, sem o que não pôde entrar no concurso. E reunidas estas quotas de 100 rs., formarão ellas o premio monetario, que será conferido ao concorrente que, em primeiro logar, enviar ao director d'esta secção a decifração da maçada a concurso, em carta fechada, com as palavras «concurso enigmatico».

3.º Quem não cumprir integralmente estas condições, será excluido do concurso.

4.º Os nomes de todos os concorrentes serão publicados na «A Fraternidade» pela ordem da inscripção em que forem recebidas as provas, assim como se dará nota do numero d'ordem que couber

á sua producção e o do que obtiver o premio.

N.º 1 Enigma

Com cinco letras não mais,
É o meu todo formado:
Tres consoantes e duas vogaes;
É prompto!... Está decifrado.

Do principio para o fim
É do fim para o começo,
Esta palavra emfim
Não tem direito nem avesso.

Quinta igual á primeira
Quarta igual á segunda
Sósinha esta a terceira
E n'isto tudo se finda.

N'eilas ha reuniões
E tambem divertimentos,
Emfim ha diversões
N'estes vastos aposentos.

Cacho.

N.º 2 Charadas

Aqui tens tu dois mil réis—2
Que me den a minha tia.
Dinheiro insignificante—1
Para a compra d'uma enguia.

Kiçai.

N.º 3 Adicionadas

Mulher—2
—ble—
Distinctivo—3

Kgu.

N.º 4

Medida antiga—2
—ba—
Mulher—3

Kiçai.

N.º 5 Em phrase

Em Mertola tem curiosidade o
que corre em direcção ao planeta—1—1—2.

Xa Ver.

Para malvada, que estás a escar-
necer do bello fructo—1—1—2.

Kiçai.

N.º 7

A primeira nota com a terceira
do reco formam um instrumen-
to—1—1—1—1.

Ipopo.

N.º 8 Em losango

Consoante
Animal
Cova
Resa
Vogal

Kgu.

N.º 9 Em quadro

Em uma povoação
Uma casta d'uva comprei;
No desembarque da estação
Com o liquido a esfreguei.

Kiçai.

N.º 10 Paronymo

D'uma alavanca de madeira fiz
uma ventarola—2.

Kiçai.

N.º 11 Enygmas typographico

2 100 VIII

Xa Ver.

N.º 12

M Bebida E

Ipopo.

N.º 13 Fuga de consoantes

O' .a.o .a.or .c.re.i.o,
O' .a.o .a.e.a..ia,
.o .ia .uc .e .ãe .e.o.
ão .ei .o .ue é a.e.ia!

Nico I.

N.º 14 Maçadas geographicas (a premio)

Formar o nome d'uma terra portu-
guezza com as letras da phrase
seguinte:

REDE SALVA NO VIL PAIO

Kalendar.

N.º 15

Formar o nome d'uma terra portu-
guezza com as letras da phrase
seguinte:

VIVÁ A GOLLA DE BOVOS

Nico I.

Decifrações do n.º 35:

Do logographo—«Albino».—Cha-
rada auxiliar—«A Fraternidade»
—Reduzida—«Carneiro», «Cauo»
—Adicionada—«Callo», «Camilo»
—das em phrase—«Camara»,
«Japinu»—da biforme—«Jano», «Ja-
na»—da electrica—«Ia», «Al».

Decifraram:

Nico I. (todas) Ipópó (todas)
Kgu. (6) Thomaz Sampaio Car-
valho (3).

Observações

A correspondencia d'esta secção
deve ser dirigida a Antonio Cruz
Kiçai—Rua do Almada, 26—Porto

NA FIGUEIRA DA FOZ

Tumultos—Montras e vidros que se partem—Nas casas de modas dos srs. Machado & Torres e Chamusca, o povo protesta—Notas varias.

Ha mezes que n'esta terra se fundou o Atheneu Figueirense, formado de negociantes.

A direcção d'esta collectividade entendeu, e bem, que todos os trabalhadores do commercio devem ter algumas horas de folga, e, n'este sentido, resolveu dirigir aos commerciantes uma circular pedindo o encerramento ás 3 horas da tarde.

Depois, uma commissão do Atheneu, com o delegado da nossa Associação o collega Joaquim de Sousa Magalhães, presidente da direcção, foi, cheio de vontade, colher as assignaturas dos negociantes adherentes ao pedido, conseguindo a adhesão se todos os negociantes de fazendas, mercearias, ferragens, ourivesaria, etc.

No primeiro domingo do encerramento, o enthusiasmo é geral e indescriptivel.

Os nossos collegas, em grande numero, dirigiram-se ao Atheneu, e cumprimentaram a sympathica Direcção, ao mesmo tempo que, em nome da classe e da nossa Associação, lhe agradeceram o trabalho dedicado que tiveram com a consecução de uma regalia para a nossa classe, sendo levantadas muitas vivas.

No segundo domingo, com ansiedade se esperavam as 3 horas da tarde; e, a esta hora, todos os estabelecimentos fecharam.

Eram 7 horas. Os srs. Machado & Torres e o sr. Chamusca, abrem os estabelecimentos!!! O caso corre presuroso e chega ao conhecimento de toda a gente.

Os animos exaltam-se e os espiritos, ainda os mais pacatos, revoltam-se!

Os commentarios avolumam-se.

Todos se dirigem ao Bairro novo, em gritos de protesto contra o procedimento inqualificavel dos negociantes referidos.

Em frente dos dois estabelecimentos o povo avolumava-se e continua o seu protesto verbal, sahido com furia d'aquelles peitos bondosos, sempre colloado ao lado dos que soffrem e dos que vivem debaixo da oppressão de quem se julga o scravizador dos humildes!

Intervem a policia, commandada por um cabo, e o sr. administrador do concelho pede silencio e ordem por alguns minutos, afim de fallar com os referidos negociantes.

Estes, em face do pedido do illustre administrador, recusam-se a fechar!!!

O sr. administrador retirou-se, não deixando de pedir muita ordem.

Começa a ouvir-se o cahir de pedradas contra as vitrines dos estabelecimentos, as quaes, em pouco tempo, ficaram em estilhaços!

Este senhor com muito custo é obrigado pela attitude do povo a encerrar o estabelecimento.

Os srs. Machado & Torres,

vendo a attitude do povo e o procedimento final do sr. Chamusca, não dá importancia aos casos; e, d'ahi, o ter-se o povo dirigido ao estabelecimento d'aquelles senhores.

O povo, reunido, pede a estes senhores o encerramento da loja e avisou-os de que, em caso contrario, os fariam fechar á forçã!

Reagiram, mas como contra a ira popular não ha força a empregar, a populaça serviu-se dos mesmos meios partindo montras e vitrines. O socio Torres, como que para atemorisar o povo, apparece de revolver em punho! Por um popular foi elle amarrado, tirando-lhe o revolver, e um empregado d'elle, talvez por chaluça, teve a audacia de pretender defender o seu patrão, para o que apparece de metro na mão!

Alguns collegas nossos deram-lhe a lição de que elle precisava...

Concluindo, diremos que todos tiveram de fechar, obrigados pelo povo, as suas portas.

Houve ferimentos e duas prisões, mas estas não foram mantidas. E tudo isto terminou com manifestações de sympathia aos caixeiros, ao commercio e ao Atheneu.

Tudo isto se passou no dia 5 de agosto de 1906.

Ha um processo contra alguns populares. O Atheneu intervem no caso, ao que nos consta.

O commercio continua fechando aos domingos, contando tambem com os srs. Chamusca, e Machado & Torres.

Estes mandaram publicar o seguinte:

Declaração

Não vimos apreciar os acontecimentos que domingo á noite se deram junto do nosso estabelecimento e de que resultaram os estragos e desmandos de que o publico tem perfeito conhecimento. Deixamos esse direito á opinião desapassionada e reflectida.

O que pretendemos declarar é que, sendo-nos offerecida pela auctoridade administrativa a força necessaria para de futuro conter em respeito quaesquer individuos exaltados que nos insultassem ou tentassem prejudicar, nós recusamos essa força para evitar desgraças que, por nossa causa, viriam naturalmente a dar-se. E assim, por isso e não por violencias ou imposições, o nosso estabelecimento não abrirá ao domingo á noite, como costume.

Deve entender-se tambem que não attribuímos aos nossos collegas do commercio local os acontecimentos de domingo.

Figueira, 7 d'Agosto de 1906.

Machado & Torres

O que mais se der, participaremos:

J. Almeida.

N. da R.—Pela carencia d'espaco e como a publicação d'esta carta é tardia, pois não chegou a tempo de sahir no n.º 36, fomos obrigados a resumir a pormenorisação dos casos, do que pedimos desculpa ao nosso presado amigo e collega, sr. Almeida.

Aos collegas da Figueira e ao povo e Atheneu, enviamos felicitações, pela sua attitude e pelos esforços empregados para manter uma regalia tão justa quanto precisa.

Secção Bibliographica

Primeiras noções da Educação civica

Da livraria Aillaud, de Lisboa, recebemos o pequeno livro «Primeiras noções de Educação civica», por Trindade Coelho.

Lemos com todo o interesse o magnifico livrinho e a impressão que nos ficou no espirito depois da sua leitura é a mais favoravel e lisonjeira, que temos colhido ao ler livros n'este genero de litteratura. O snr. Trindade Coelho é um dos poucos homens que, em Portugal, tem dedicado o producto da sua esclarecida intelligencia, a favor da instrucção do povo. Tem este livro um privilegio que nos assombra:—o ser adoptado officialmente no ensino primario. E' que no nosso paiz os livros escolhidos para o ensino official são, quasi sempre, de uma mediocridade evidente. As «Primeiras noções de Educação civica» se vieram enriquecer a litteratura pedagogica, preencheram, tambem, superiormente, a lacuna que existia da falta de um catecismo de educação moderna.

«A Editora»

Da antiga e muito acreditada casa editora David Corazzi, do Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, recebemos e agradecemos o catalogo das obras em publicação e á venda n'aquella importante casa de publicações. De entre muitas obras primas, de auctores conhecidissimos, destacam-se a collecção de Julio Verne, o grande escriptor scientifico, os *ultimos escandalos de Paris*, de Dubet de Laforest, sensacional romance da actualidade, *Duas mil leguas no Indústão*, por Hypacio de Brion, etc. etc.

Recommendamos aos amadores da boa litteratura as obras de «A Editora» e a leitura do catalogo que nos foi enviado que se remette a quem o pedir, e por onde se vê que a casa de publicações supracitada continua a editar maravilhosas obras, de instrucção e de recreio.

Notas trimensaes

«A Setta»

Na Guarda, e sob a direcção do camarada Joaquim Quintella, começou a publicar-se no dia 12 do mez passado um quinzenario independente,

orgão dos empregados do commercio.

O novo collega resume assim o seu programma: «...o nosso lemma é demolir lentamente, uma por uma, as carcomidas pedras dos alicerces em que se baseiam velharias e preconceitos, inadmissiveis na sociedade actual».

Dando ao novo collega boas vindas, desejamos-lhe vida longa e prospera.

Fallecimento

Em Abbade do Neiva, freguezia d'este concelho, falleceu no dia 1 do corrente um irmão dos nossos collegas e amigos Antonio e Manoel Joaquim Ferreira, a quem dirigimos os nossos pesames.

Concurso enigmatico

Kiçai, o director da secção charadistica, abre hoje um concurso, com uma maçada geographica, e para o qual chamamos a attenção dos amadores d'aquelles passatempos.

Correspondente novo

O nosso prestante amigo e collega João Manoel Gonçalves Ramos accitou a representação do nosso jornal em Chaves, o que muito agradecemos e de quem temos a esperar grande auxilio na propaganda da nossa *Fraternidade*.

«Cera de Milho»

O snr. Fernando Morgado, de Roris, Barcellos, enviou-nos duas caixinhas com este preparado infallivel para matar ratos, ratazanas, toupeiras e ralos.

Agradecendo a offerta, recommendamos a todas as pessoas o *cera de milho*, que se vende, n'esta villa, na pharmacia da calçada, do snr. João Candido da Silva, ao preço de 100 réis cada caixa com 20 bolas.

E' o melhor preparado até hoje conhecido para o fim indicado.

Abundancia d'original

Ainda n'este numero não podemos inserir a grande quantidade de escriptos que temos em nosso poder, razão porque pedimos desculpa aos seus auctores.

O cambio do Brasil sobre Londres está a 16¹⁵/₁₆.

Valor da libra no Brasil, reis 14\$169.

Valor de 100\$000 réis fortes no Brasil, 315\$146 réis.

Valor da libra em Portugal, 4\$500 réis.

«A FRATERNIDADE»

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ca. mo S. L.